



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES - CAMPUS III - GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA**

JOELTON CÂNDIDO CICERO

**DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA DE GUARABIRA: MOCIDADE
INDEPENDENTE DO CORDEIRO**

**GUARABIRA-PB
2022**

JOELTON CÂNDIDO CICERO

**DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA DE GUARABIRA: MOCIDADE
INDEPENDENTE DO CORDEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de
História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa

**GUARABIRA-PB
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C568d Cicero, Joelton Cândido.
Desfiles das Escolas de Samba de Guarabira [manuscrito]
: Mocidade Independente do Cordeiro / Joelton Cândido
Cicero. - 2022.
19 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Carnaval. 2. Cordões. 3. Mocidade Independente do
Cordeiro . 4. Ranchos. I. Título

21. ed. CDD 981.33

JOELTON CÂNDIDO CICERO

DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA DE GUARABIRA: MOCIDADE
INDEPENDENTE DO CORDEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em História.

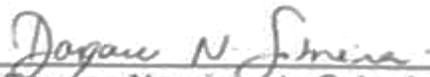
Área de concentração: História e Estudos
Culturais.

Aprovado em: 14 / 07 / 2022

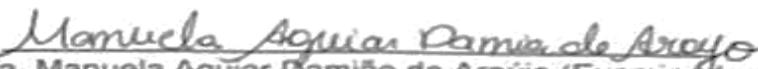
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dayane Nascimento Sobreira (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Manuela Aguiar Damião de Araújo (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Recorte do Jornal Correio de 1985.....	13
Figura 2: Manchete do Jornal Correio de 1986.....	14
Figura 3: Recorte do Jornal Correio, dia 13 de fevereiro de 1986.....	15
Figura 4: Destaque Gildete Cândido Cicero, carnaval de 1988.....	16

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 CARNAVAL: FESTEJANDO E LUTANDO CONTRA O PRECONCEITO E VIOLÊNCIA	7
3 MOCIDADE INDEPENDENTE DO CORDEIRO	12
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
5 REFERÊNCIAS	18

DESFILES DAS ESCOLAS DE SAMBA DE GUARABIRA: MOCIDADE INDEPENDENTE DO CORDEIRO

PARADES OF THE SAMBA SCHOOLS OF GUARABIRA: YOUTH INDEPENDENT OF CORDEIRO

Joelton Cândido Cicero

RESUMO

Neste trabalho, irei observar as mudanças ocorridas durante os anos nas festividades carnavalescas no Brasil. Conhecer as diferentes características que serviam de influência principal, culturalmente e de como essas influências moldaram o jeito de festejar o carnaval, observando toda a luta entre as classes de elite e trabalhadora para que esta última pudesse ter seu lugar de participação nos eventos. Influência cultural que ganhou espaço e se fixou no modo de festejar durante os anos seguintes, chegando na Paraíba em uma cidade do agreste onde se passa os relatos do segundo tópico. Criada no ano de 1980 à Escola de Samba Mocidade Independente do Cordeiro, participou dos eventos até 1995, se sagrando campeã em algumas edições, eventos realizados na cidade de Guarabira. Foram utilizadas as obras de vários autores sobre o tema carnavalesco, jornais da época e depoimentos sobre memórias de participações em festejos de carnaval. Foi a luta da população mais pobre que permitiu a participação de diferentes culturas e pessoas.

Palavras-chaves: Carnaval. Cordões. Mocidade Independente do Cordeiro. Ranchos.

ABSTRACT

In this work, I will observe the changes that occurred during the years in the carnival festivities in Brazil. Knowing the different characteristics that served as the main influence, culturally and how these influences shaped the way of celebrating Carnival, observing all the struggle between the elitist and working classes - so that the latter could have its place of participation in the events. Cultural influence that gained space and established itself in the way of celebrating during the following years, arriving in Paraíba in a city in the wild where the reports of the second topic take place. Created in 1980 to Lamb's Independent Youth Samba School, it participated in the events until 1995, becoming champion in some editions, events held in the city of Guarabira. The works of several authors on the carnival theme, newspapers of the time and testimonies about memories of participation in carnival celebrations were used. It was the struggle of the poorest population that allowed the participation of different cultures and people.

Keywords: Carnival. Cords. Youth Independent of Cordeiro. Rancho

1 INTRODUÇÃO

Por meio deste artigo, tenho como objetivo trazer alguns relatos de eventos carnavalescos que outrora já esquecidos por alguns e desconhecidos por outros, retomando aqui experiências familiares, inspiro-me na ideia de narrador já que para Benjamin (1987, p.198) “a experiência que passa de pessoa em pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores”.

Meu interesse pelo tema das escolas de samba surgiu de quando eu escutava meus familiares falarem sobre esses desfiles que ocorriam em Guarabira nas décadas de 1980 e 1990. Sempre gostei de ouvir essas histórias, como eram as festas de que eles participavam, as músicas que eram tocadas, e dos estilos de roupas que eram moda.

Ficava imaginando como era participar dessas escolas de samba, lembro-me de uma noite, quando estava assistindo os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro, minha mãe passou por mim e eu perguntei a ela, se ela torcia para alguma escola, então ela me respondeu que sua torcida era para Mocidade Independente de Padre Miguel pois quando tinham os desfiles das escolas de samba dos bairros de Guarabira a do nosso bairro se chamava Mocidade Independente do Cordeiro - e por esse motivo ela torcia para aquela escola.

Com o passar dos anos, sempre que ouvia histórias sobre a escola de samba, meu interesse só aumentava, sempre perguntava para os meus familiares como eram esses desfiles, se algum deles tinham desfilado e foi assim que descobri da participação de membros da minha família:, minha mãe Gildete que desfilava como destaque, minha tia Gilvete desfilava como sambista e meu tio Gilson tocava na bateria.

Conforme afirmado por Benjamin (1987, p. 205) “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas”. Esse é o meu desejo, conservar e levar para o maior número de pessoas essas histórias, para que elas não se percam através dos anos e não sejam esquecidas.

Na primeira parte do artigo, irei apresentar algumas das maneiras sobre como eram festejados os eventos carnavalescos, começando pelo entrudo, que foi introduzido pelos portugueses quando chegaram ao Brasil, como tais formas já eram vista com forma de preconceito e de modo que a sociedade elitista fez com que essas práticas se tornassem algo proibido.

Até então, as festas carnavalescas eram basicamente realizadas exclusivamente para a sociedade formada pela elite, onde comemoravam nas Grandes Sociedades, tendo inspirações no modo de ornamentar, vestir e festejar, aos moldes europeus, usando suas temáticas para fazer críticas.

Os “zé-pereiras” foram também um outro da população pobre de participar do Carnaval, já que qualquer meio de festividade que não seguisse os termos da elite, não eram bem vistos.

Os “cordões” e “ranchos”, são os dois modos festivos que tiveram maior influência sobre os mais famosos jeitos que se brinca o carnaval, quem seriam os blocos de rua e as escolas de samba, onde os participantes desses grupos tiveram que enfrentar muitas dificuldades, como o preconceito social e racial, assim como a violência.

Algo que chama bastante atenção é o modo que os ranchos e cordões eram vistos perante a sociedade, cronistas faziam inúmeras publicações de modo pejorativo e cheios de crítica àqueles grupos.

Mesmo com a imensa quantidade de críticas a esses grupos, muitos cronistas também demonstravam afeição, assim como líderes de grupos carnavalescos se aliaram a pessoas de grande influência, com isso, aconteceu o marco muito importante, um jornal promoveu um concurso entre os grupos. Aqueles grupos que a princípio eram vistos com preconceito, acabaram ganhando a aceitação da sociedade e se tornando destaques do Carnaval.

Na parte seguinte, apresentarei um pouco da escola de samba, Mocidade Independente do Cordeiro, mostrando um pouco sobre a escola e seus participantes, através de narrativas contadas por duas participantes, as irmãs Gildete Cândido Cicero e Gilvete Cândido Ferreira.

Segundo Bosi (1994, p.15) “A lembrança é a sobrevivência do passado”, são as lembranças dessas mulheres que fizeram parte desses eventos carnavalescos, que pretendo visibilizar e retomar neste trabalho acadêmico.

2 CARNAVAL: FESTEJANDO E LUTANDO CONTRA O PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

O final do século XIX e o início do século XX foi um divisor de águas para as festividades carnavalescas e para o modo que a conhecemos. Quando pensamos em carnaval, vem logo à mente os blocos das escolas de samba, festas voltadas para a diversão popular e de muitas brincadeiras. Hoje o carnaval é uma das festas mais importantes e mundialmente conhecidas, mas engana-se se você acha que foi sempre assim.

O carnaval chega ao Brasil através dos portugueses no período da colonização, trazendo a prática do entrudo. “O entrudo é antigo jogo carnavalesco de origem ibérica que os portugueses trouxeram para o Brasil no século XVI, que seguiu sendo praticado em Portugal até o final do século XIX”. (FERNANDES, 2001, p. 14). O entrudo acontecia dias antes da ¹quaresma, participavam desses festejos os escravizados e os senhores. Os escravizados praticavam o entrudo nas ruas da cidade, já os senhores dentro de suas casas. O entrudo consistia em sujar uns aos outros, para isso era usados todo tipo de coisa, como goma, bolinhas de cheiro, que não tinham nada de cheirosa, água suja, frutas estragadas e tudo que pudesse sujar as outras pessoas que participavam da brincadeira, as pessoas que ficavam em suas casas costumavam jogar água da janela em quem passava. Com o passar dos anos o entrudo começou a ser mal visto pela sociedade, que via naquelas práticas algo ruim e muito violento, até chegar ao ponto de que praticar o entrudo era proibido, ele acabou sendo substituído pela “forma mais elegante” e se festejar, que seriam o jeito europeu.

De acordo com Fernandes (2001), as tentativas de substituir o entrudo aconteceram por décadas, mas como ainda haviam adeptos dessas práticas, não foi nada fácil de se fazer. Orientações foram feitas para que jovens não participarem do entrudo através das escolas, médicos também alertavam para o grande perigo que essa brincadeira poderia causar, devido a transmissões de doenças, como a febre amarela.

¹ O Tempo da Quaresma é o período do ano litúrgico que antecede a Páscoa cristã, sendo celebrado por algumas igrejas cristãs, dentre as quais a Católica, a Ortodoxa, a Anglicana, a Luterana e algumas denominações Presbiterianas e Reformadas. A expressão Quaresma é originária do latim, quadragésima dies. (Wikipedia, 2022)

a palavra entrudo que até então designava um período festivo e a totalidade das brincadeiras carnavalescas, como as mascaradas, as troças e os xingamentos, passou a ser utilizada apenas para referir-se ao jogo das molhadelas. Na segunda parte, o entrudo deveria ser substituído, desta vez definitivamente, pelos desfiles das grandes sociedades. (FERNANDES, 2001, p.18)

Tomaremos como exemplo o carnaval carioca, essas festividades não eram voltadas para a população em geral, as Grandes Sociedades onde essas festas aconteceram, eram frequentados apenas pela elite, nos seus salões grandiosos, suas máscaras chiques e roupas luxuosas, que eram inspiradas nas festas europeias. “Ao lado desse carnaval popular, a burguesia criou sociedades carnavalescas e também passou a promover bailes de salão nos moldes europeus” (PINTO, 2019, p.5)

As grandes sociedades foram projetadas para ocupar e pautar as celebrações do Carnaval carioca, até então dominado pelo entrudo, pelo recém-inventado zé-pereira, por mascaradas e cucumbis. Formadas por grupos da elite que viviam na capital do país, as grandes sociedades buscaram e deram, até certo ponto, uma nova aparência e conteúdo ao Carnaval do Rio de Janeiro (FERNANDES, 2001, p.14)

A princípio, algumas das ²Grandes Sociedades, não demonstraram tanto interesse nos desfiles, alguns não saíam nas ruas, mas promoviam bailes. Brigas internas ocorreram, com isso, participantes que saíam dessas grandes sociedades e fundavam outras, aumentando o número desses grupos. Onde quando saíam para desfilar, tinham como tema, problemas existentes na época e usavam os desfiles para fazer suas críticas.

Não estavam sob sua crítica apenas os políticos da corte, o Império, a escravidão. Suas baterias também se voltaram contra os hábitos populares, suas crenças e necessidades, ironizando-as. Em 1889, por exemplo, os Democráticos se aliaram à campanha contra as moradias insalubres nas quais viviam os pobres da cidade, apresentando um carro alegórico simbolizando o célebre cortiço Cabeça de Porco. (FERNANDES, 2001, p.20)

Com inúmeras tentativas da sociedade elitista de excluir qualquer vestígio ou prática que não fosse elegante e de bom modo aos olhos daquelas pessoas, eis que surge algo que se tornaria um símbolo do carnaval carioca, os Zé-pereiras, eram pessoas que saíam pelas ruas fazendo um enorme barulho com seus tambores, sem cantar nada e com suas batucadas fora de ritmo.

É interessante notar como o zé-pereira – outra manifestação da cultura popular portuguesa -, se enraíza no Rio de Janeiro no mesmo tempo da implantação do Carnaval veneziano, sendo notável que, apesar de seu arcaísmo, total improvisação e espontaneidade, tenha figurado entre os grupos carnavalescos mais destacados na paisagem do Carnaval carioca da segunda metade do século XIX. Isto é, no mesmo momento em que se organizava racionalmente a

² **Sociedade carnavalesca** também chamadas de **clubes carnavalescos** ou **grandes sociedades** na cidade brasileira do Rio de Janeiro é uma agremiação de cunho recreativo e geralmente competitivo, que visa promover desfiles durante o período de carnaval, ao som de músicas próprias da época, geralmente marchas. (Wikipedia, 2022)

superação de manifestações arcaicas no Carnaval carioca, os partidários das grandes sociedades viram brotar “um fantasma”: “o neurastenizante zé-pereira”. (FERNANDES, 2001, p.22)

A população mais pobre também começou a participar do carnaval, não do modo das elites, mas de um jeito mais peculiar, e é aí que a história do carnaval começa a mudar, pois quando essa população de origem mais pobre, que trabalhavam nos portos, nas fábricas, quem em sua maioria era composta por negros, começamos a ter um cenário inimaginável para aquela elite, que viam aquilo com desprezo e preconceito, mas nada se podia fazer, pois cada vez mais os adeptos dessas festas aumentavam e a elite via aquilo como um risco para o modo civilizador de seus festejos.

Uma infinidade de grupos, pequenas sociedades e grêmios recreativos brotavam todos os dias, tratava de obter registros e autorizações nos cartórios e distritos policiais e vinha juntar-se as formas novas e tradicionais do Carnaval. [...] Entre tais práticas, os ranchos e cordões assumiram uma importância destacada, sendo apontados de forma unânime pela bibliografia como matrizes dos atuais blocos e escolas de samba. (CUNHA, 2001, p.151,152)

Ranchos e os cordões eram nomes dados aos grupos que saíam pelas ruas para brincar o carnaval, formados pelas mesmas classes de pessoas, a primeira impressão é que os estilos seriam muito parecidos, mesmo tendo muitas semelhanças, as diferenças bem peculiares no jeito de festejar desses grupos. Os ranchos faziam a utilização de alegorias ao contrário dos cordões que se destacavam pela sua variedade de fantasias e com seus integrantes seguindo a pé durante os percursos que faziam nas ruas da cidade. Outra coisa que temos que destacar era um modo de tocar suas músicas, pois alguns instrumentos que eram utilizados pelos integrantes dos ranchos não eram utilizados nos cordões.

Em meados da década de 1900-10 começa a aparecer uma diferenciação que se tornou cada vez mais forte, praticamente generalizando, na imprensa das décadas seguintes, uma posição de defesa entusiástica e intransigente dos grupos designados como "ranchos".[...]Era também uma forma de banalizar os comportamentos de trabalhadores urbanos, valorizado afeição morigerada que se atribuía aos ranchos e desqualificando a atitude supostamente rebelde indesejável dos cordões. Assim, no mesmo movimento em que os elogios brotam para os ranchos é fácil encontrar na crônica formalística exemplos numerosos do esforço em atribuir aos cordões uma imagem negativa, centrada na violência, na marginalidade e no barbarismo. (CUNHA,2001p.156)

Mas por que tantas críticas aos cordões e não aos ranchos? A resposta é que os ranchos basicamente eram uma cópia das Grandes Sociedades das elites, mas com menos luxuosidade, então os jornais caíram em cima dos cordões com suas críticas sobre a maneira em que esses grupos faziam seu carnaval. Devido a essas críticas a dificuldade de se conseguir autorizações para que seus grupos pudessem sair nas ruas ficaram cada vez mais difíceis, muito dos integrantes de cordões tinham ficha na polícia, por brigas ou por ser capoeiristas, tinham que ter cuidado até na hora de escolher os nomes dos grupos na hora de se registrar. Muito deles não eram registrados, pois diziam que seus nomes faziam referência a violência, então para

burlar isso eles adotavam nomes parecidos como os das Grandes Sociedades ou o que ficou muito comum entre os grupos, colocar flor de alguma coisa ou de algum lugar, como por exemplo “Ameno Resedá”, foi um dos mais importantes e mais famoso cordão carioca.

De acordo com Cunha (2001), muitos usavam o nome do seu grupo para fazer uma crítica social, mas com toque de humor e sarcasmo, talvez para que pudesse passar despercebido na hora de fazer seu registro, outros traziam no seu nome a sua herança cultural, muitas das agremiações colocavam seus nomes com origens africana, colocando Rainha ou Rei de algo, assim a rivalidade entre os grupos foi se tornando cada vez maior. “A análise mais detida dos nomes adotados pelas agremiações carnavalescas, assim, mais uma vez sugere a variedade de tradições, experiências, valores e atitudes que se cruzam nas manifestações do Carnaval, para além das evidentes diferenças formais”. (CUNHA, 2001, p.172)

Com o passar dos anos os cordões ganhavam cada vez mais adeptos, o crescimento de novas sedes sendo registrada era gigantesco, com isso as críticas dos cronistas também aumentavam, mas também havia aqueles que simpatizavam. Para a elite, aquilo era algo inaceitável.

Essa intensa ocupação do espaço público por grupos que, no rastro das Grandes Sociedades, organizavam-se e adotavam a forma dos préstitos, adquiriram caráter de permanência, mantinham sedes e diretorias, estandartes e símbolos, é que, em primeiro lugar, parecia deslocada. Se a aglomeração anárquica e desrespeitosa era um forte incômodo nas décadas anteriores, a multidão organizada sob a forma de cordões, legalizada e chancelada pela autoridade policial, poderia parecer ainda mais assustadora. Além do mais, se aprenderam uma parte da lição, não pareciam tê-la absorvido de todo: longe do Carnaval veneziano apregoado pelos pedagogos de Momo, esses grupos traziam às ruas antigas tradições já condenadas em nome do progresso e da civilização. (CUNHA, 2001, p.175)

As sedes não eram usadas apenas para os ensaios, lá também se promoviam eventos para arrecadar fundos para a compra de matérias que seriam direcionados para o grupo, como na compra de acessórios para as fantasias ou algo para a própria sede, boa parte dos integrantes passavam o ano inteiro juntando dinheiro para customizar e produzir suas fantasias.

As fantasias não eram apenas roupas que essas pessoas usavam para desfilar, tinham muitos significados por detrás de tudo aquilo, com elas carregavam à história, cultura e ainda faziam críticas ao sistema. Quando se vestiam de indígenas e desfilavam com cobras vivas, defendiam a história e cultura de um povo, ou quando usavam elementos da cultura africana nas suas vestes, mas a sociedade da elite, aquelas pessoas não passavam de seres violentos e perigosos que enchiam as ruas da cidade fazendo o carnaval de forma errada, o preconceito e críticas eram muito recorrentes contra as pessoas que festejavam nos cordões, como o jeito de falar ou a escrita, pois seus integrantes em geral eram pessoas pobres que não tinham passado pelas escolas de educação formal. Isso era alvo de críticas das elites que se viam como superiores e até críticos jornalísticos faziam comentários sobre isso nos jornais.

Assim, além de elementos como o apego à tradição renegadas dos Carnavais do século XIX ou a ausência de talento literário, “espírito” ou “humor” entre a gentilha que saracoteava nesses desfiles, a imagem da violência e da ameaça social que foi colocada a esses grupos carnavalescos justifica a atitude unanimemente temerosa e

hostil das elites, tanto da imprensa como das autoridades. (CUNHA, 2001, p.183,184)

A polícia tentava de todas as formas dificultar ou controlar os desfiles, baseando-se justamente no discurso e na imagem de violência transmitidas sobre esses grupos. “Editais policiais estabeleciam regras detalhadas para circulação e estacionamento dos bondes e veículos particulares —não apenas para manter o trânsito livre, mas também tentar impedir que cordões se cruzassem em seus deslocamentos pela cidade”. (CUNHA, 2001, p.195)

As relações entre cronistas e cordões sempre foram complexa, haviam cronistas que demonstravam até um pouco de afeição com esses grupos, assim como haviam aqueles que criticavam ferozmente esses grupos, até que em 1906 a Gazeta de Notícias um jornal da época, fez um concurso entre os cordões, ganharia aquele que tivesse o estandarte mais bonito e luxuoso.

O concurso anunciava-se com uma dupla intenção: de um lado, estimular os cordões a adotar posturas e formatos “premiáveis” por critérios que tomavam o luxo e o “bom gosto” como fatores essenciais. De outro, “explica-los” para o público leitor, transformando-os em objeto de um interesse quase erudito e folclorizante —posto que tinham se tornado, na prática, a marca principal do Carnaval de rua do Rio de Janeiro”. (CUNHA, 2001, p. 202, 203)

Percebemos uma importante mudança, até aqueles cronistas que atacavam os cordões com mais vigor, já estavam mudando aos poucos suas visões sobre os grupos, diferentemente da força policial que ainda tentava controlar e oprimir os grupos de cordões, como por exemplo na censura de seus nomes, pois caso o grupo tentasse colocar um nome onde fazia algum tipo de crítica ou algo do tipo, sua licença era barrada. Faziam delimitações nos horários dos ensaios dos grupos, ou apreensões nas vésperas dos desfiles. Em respostas a essa repressão, músicas foram feitas e cantadas, até que a imprensa se posicionou contra os agentes da lei.

Dentre os dois grupos, os ranchos eram os mais aceitos, pois eles eram o que traziam mais semelhanças com o modo de festejar das elites, assim se tornaram referência a ser seguida e de exemplo nos concursos, as mudanças não ficaram apenas nas regras, com os anos, os olhares sobre aqueles grupos e sobre aquelas pessoas também mudaram, onde participavam apenas pessoas pobres e humildes, agora tinham pessoas de classe média e influentes envolvidas.

Com toda certeza não poderíamos deixar de citar a influência da cultura africana, uma de suas maiores personalidades é Hilária de Almeida, mais conhecida como Tia Ciata. Segundo Moura (1995), muitos dos blocos e cordões que surgiram no carnaval carioca, apareceram com intenções de fazer críticas, com suas canções e batuques, após muitos negros que saíram da Bahia aportarem no Rio de Janeiro.

Aparecem clubes carnavalescos liderados por africanos, crioulos e mestiços, já para o final do século, como a Embaixada Africana, os Pândegos da África, a Chegada da África, e muitos outros. Através dos nomes, claro estava o sentido de afirmação cultural do passado africano, parte se identificando com egípcios, abissínios, aparentemente alheios às suas srcens, mas a maioria com motivos da África negra. (MOURA, 1995, p.55)

De acordo com Pegado (2005), como não se tinha um percurso definido, os blocos, cordões e ranchos que saíam pelas ruas da cidade, tinham um destino quase obrigatório, tinha que passar pela frente das casas das mães-de-santo, principalmente na casa de tia Ciata, para que ela pudesse abençoar o grupo. De lá seguiam destino até a Praça Onze, onde aconteciam as competições, ocorrendo até 1942.

E foi nos terreiros que o samba nasceu e se espalhou com o seu ritmo que contagia a todos, as primeiras escolas de samba nasceram devido a organizações de foliões, agremiações e apoio da imprensa, em 12 de Agosto de 1928, nasce a primeira escola de samba, a “Deixa Falar”.

Quem cunhou a expressão escola de samba foi o grande Ismael Silva. Ele e seus parceiros decidiram dar um novo formato ao jovem samba, ainda muito parecido com o maxixe. O grupo se encontrava nas proximidades da Escola Normal para batucar e ensinar aos interessados o ritmo dos bambas do Estácio, foi aí que numa genial sacada Ismael percebeu o fruto que nascia: “Se quem ensina às crianças são chamados de professores, nós, que sabemos tudo de samba, também somos mestres e formamos uma escola, escola de samba”. Estava definitivamente marcado o nome que acompanharia e acomodaria qualquer agremiação do gênero. O ilustre criador ainda completou: “Deixa falar, é daqui que saem os professores”. (PEGADO, 2005, p.36)

Se conhecemos o carnaval do jeito que ele é hoje, deve-se a esses grupos e personalidades, que lutaram por seus direitos de festejar, mostrar sua cultura, além de tudo isso, fazendo críticas à opressão e ao preconceito.

3 MOCIDADE INDEPENDENTE DO CORDEIRO

De acordo com Campos (2015), após as transformações que o carnaval passou durante os anos, alguns desses eventos mencionados no tópico acima, o carnaval passou por evoluções e a algumas modificações, além de se espalhar por todo o Brasil. Por exemplo em Recife, com o bloco carnavalesco Galo da Madrugada, que é considerado um dos maiores carnavais de rua do mundo. Em Salvador a partir da década de 1970 temos a introdução dos trios elétricos que “arrastam” milhares de foliões durante os dias de festas.

Com inúmeras inspirações carnavalescas, o Nordeste também não poderia ficar de fora. “Esta festa deu origem a várias outras em estados do Nordeste, o chamado “Carnaval fora de época” como o Fortal, em Fortaleza; o Carnatal em Natal; a Micarua em João Pessoa; o Recifolia, em Recife; o Micaru, em Caruaru e outros mais. Comemorado de diversas maneiras em todo o Brasil. (CAMPOS, 2015). E é em uma cidade do agreste paraibano que iremos focar nessa segunda parte do texto, na cidade de Guarabira na Paraíba, sobre os desfiles das escolas de samba que foram realizados nas décadas de 1980 a 1995, especificamente falaremos da Escola de Samba Mocidade Independente do Cordeiro.

De acordo com o que foi relatado por meus familiares, minha mãe Gildete Cândido Cicero e minha tia Gilvete Cândido Ferreira em 10 de Junho de 2022, a escola de samba foi fundada em 1980, onde os organizadores e os componentes eram moradores do bairro do cordeiro, situado em Guarabira. Lá se juntavam e faziam toda a confecção dos carros alegóricos e de suas fantasias. Os gastos para as compras dos materiais necessários para isso eram em parte custeados pelos próprios

integrantes da escola, sendo que recebiam também ajuda da prefeitura que destinava verbas para as escolas.

Os membros que ficavam à frente da escola de samba eram Marcos de Enoque, Antônio Marcos, Manoelzinho e Zé Paulo, esses foram os fundadores da escola de samba. Além deles também ficavam à frente Paulo Lino, Calcilene Lino e Raimunda. Além da Escola do Cordeiro (Mocidade Independente do Cordeiro), tinham também as escolas dos bairros do Juá (Escola de Samba Princesa do Júa), Santa Terezinha (Escola de Samba Santa Terezinha) e Nordeste (Escola de Samba Juventude).

Cada Escola de Samba tinham suas respectivas cores, a Escola de Samba Mocidade Independente do Cordeiro, era representada pelas cores Amarelo e Branco, a Escola de Samba Santa Terezinha com cores azul e branco, a Escola de Samba Princesa do Juá com as cores verde e branco e a Escola de Samba Juventude de cores vermelho e branco.

A escola de samba Mocidade Independente do Cordeiro ficou em 4º lugar no desfile das escolas de samba de Guarabira, nos anos de 1981 e 1982, em 2º lugar no ano de 1985 e se sagrou campeã em 1986, na época tinha como sua maior rival a Escola de Samba Santa Terezinha.

Figura 1: ³Recorte do Jornal Correio de 1985

Jornal Correio

Sexta-feira, 08 de fevereiro de 1985.

Guarabira quer fazer o melhor carnaval em 85

O carnaval de Guarabira este ano, com o nível de organização que conquistou nos anos anteriores, promete ser um dos melhores de toda a região do Brejo. A Prefeitura Municipal, através do seu Departamento de Divulgação e Turismo, tem feito constantes reuniões com presidentes de escolas de samba e outras agremiações carnavalescas, objetivando definir os detalhes do desfile que será realizado na avenida Pedro II.

Homero Bezerra, Secretário de Turismo do Município, vem coordenando as atividades de organização do tríduo momesco e informou que todos os preparativos estão sendo ultimados pelas escolas, que já começaram a elaborar suas fantasias e afinar as baterias. O prefeito Zenobio Toscano, um dos maiores entusiastas do carnaval guarabirense, informou que a prefeitura tem ajudado na medida do possível, para que o carnaval de Guarabira repita o sucesso dos anos anteriores.

Já o Clube Recreativo Guarabirense, o mais importante clube social da cidade, promoveu o seu primeiro grito de carnaval na última sexta-feira, tendo obtido grande sucesso.

O presidente daquele sodalicio, José Severino Filho, informou que é grande a procura registrada por parte dos sócios e visitantes.

O presidente do CRG mostrou-se bastante otimista em relação ao carnaval de clube este ano em Guarabira, que já está sendo chamado o carnaval da democracia.

Fonte: (Jornal Correio, 1985)

³ Os recortes de jornais utilizados do Jornal Correio, foram encontrados no arquivo do Centro de Documentação Cel. João Pimentel, como da pra ver, estão sem a numeração das páginas e sem os autores da matéria, por isso as páginas e os autores não serão citados no TCC.

Na edição de 1985 do Jornal Correio do dia 8 de fevereiro, lemos que grandes investimentos foram feitos para o carnaval de rua da cidade de Guarabira, visando o aprimoramento na estrutura. Buscando melhorar cada vez mais do que os anos anteriores, atraindo assim um número maior de espectadores e de participantes para as escolas de samba. Neste ano a Escola de Samba Santa Terezinha foi a campeã dos desfiles, batendo a sua maior rival, à Mocidade Independente do Cordeiro que amargou um 2º lugar na competição, a Escola de Samba Santa Terezinha também se sagrou campeã no ano anterior.

Figura 2: Manchete do Jornal Correio de 1986



Fonte: (Jornal Correio, 1986)

Na capa da edição do dia 3 de fevereiro de 1986 à Mocidade Independente do Cordeiro é a grande campeã dos desfiles das escolas de samba de Guarabira, batendo a sua maior rival, a Escola de Samba Santa Terezinha. Neste ano a mocidade fez um desfile impecável, vencendo e tirando a sequência de vitórias de sua rival. Apenas três escolas desfilaram, além da Mocidade Independente do Cordeiro e Escola de Samba Santa Terezinha, a Escola de Samba Princesa do Juá participou do evento carnavalesco, onde ficou com o 3º lugar da competição.

Tendo como um dos seus temas o Cometa Halley no desfile de 1986 que deu o título de campeã para a Escola de Samba Mocidade Independente do Cordeiro, já que o cometa "rasgou o céu" no dia 9 de fevereiro de 1986. A Mocidade Independente do Cordeiro, segundo o Jornal Correio tinha 250 componentes para aquele desfile.

Figura 3: Recorte do Jornal Correio, dia 13 de fevereiro de 1986

Em uma bateria impecável e a Comissão da Frente sugerindo temas rasais - uma apóia ao negro - mas bate apenas pontos, já a menos lo que a campeã deste ano e sua rival, a Mocidade Independente do Cordeiro. Segundo Paulo Costa, presidente da Associação Carnavalesca de Guarabira, para sair-se camã as concorrentes deveriam obter o máximo de 80 pontos, ou seja, 10 em cada critério elaborado pela banca do júri.

Esses critérios, em número de cinco, obstacularam a vitória pretendida da Escola de Samba Princesa do Juá, que tinha como tema a Índia, o cometa Halley e o desfile do romance de José Alencar. Não viu-se, aliás, a presença desta escola estiveram abaixo das exigências, ela conseguiu 3º lugar por ser justamente a última a desfilar. Este ano, a escola do Nordeste não saiu, ou problema nas coreografias.

INTOS

Prevaleçam, para a contagem dos pontos, os critérios da Mocidade Independente, os seguintes critérios:

- Comissão Frente, com alas bordando o tema mais atual, que é o cometa Halley. Passistas de ambos os sexos desferiram uma alegoria convincente.
- Mestre Saca Fita, bandeira, caracterizados como sambistas do futuro, marcando elucos que arrancam aplausos.
- Samba exlo.
- Bateria.
- Alegorias adereços.
- Criatividade.
- Guarda-ra.
- Evolução.

FIABILIDADE

Minha escola apresentou-se bem. As este caval foi programado para que a Mocidade Independente do Cordeiro desse o campeonato de 1986", declarou José Francisco dos Santos - o Joca -, presidente da Escola de Samba Santa Terezinha. Para ele, o resultado do desfile, não agradou.

A declaração de Joca não foi feita ao acaso. A rivalidade existente entre os dirigentes de escolas de samba de Guarabira remonta a 1980, quando Adonis Sales criou a Mocidade Independente do Cordeiro. De lá para cá, esta escola participou de cinco carnavais de rua, obtendo o 4º lugar em 1981/82, o 2º em 1985 e o 1º em 1986.

MELHORANDO

Empanou até o brilho da Santa Terezinha que, sem falhar a nenhum desfile desde a sua fundação, também em 1980, já obteve dois vice-campeonatos e um 3º lugar, sagrando-se campeã em 1982, 1984 e 1985. A Princesa do Juá, que nasceu de um famoso bloco carnavalesco, o ano passado foi classificada em 4º lugar, num total de sete escolas de samba concorrentes. Este ano ficou em 3º lugar, por merecimento e falta de espaço para a apresentação de outras escolas. Em resumo, os resultados dos desfiles em Guarabira nunca agradaram a todos os grupos que ali organizam o carnaval de rua.

Contudo, o carnaval de rua desta cidade vem melhorando gradativamente deste 1984. E quem garante isto é Paulo Costa, presidente da Associação Carnavalesca e ex-puxador de samba. Este ano, por exemplo, ele afirma que houve participação de todos os segmentos da sociedade. A Prefeitura local, obsequiou as três escolas de samba concorrentes com Cr\$ 15 milhões, adornou coerentemente a área dos desfiles e empenhou-se para que houvesse um carnaval tranquilo. O comércio e a indústria marce, presença nas contribuições e, calcule-se, que cada escola, em média, teve um dispêndio da ordem de Cr\$ 12 milhões.



Escolas de samba desfilam em Guarabira

O TÍPICO DE UM CARNAVAL

Em Guarabira, a beleza do carnaval de rua não está representada apenas na forma das escolas de samba. Existe o típico, o humor peculiar, já banido das ruas há muitos anos. Só que não esqueceu o fato comercial. José Quirino, irmão, anos, que há 13 percorre as ruas da cidade com a sua máquina fotográfica. Traz-se de um protótipo máquina lambe-lambe, que surge e o fotografado com um estampo de lambe-lambe e muita fumaça. Após o uso, sobrevém a alegria.

Registre-se, inclusive, a maneira enérgica de brincar do mecânico Antonio Alves da Moura, 35 anos. Na terça-feira, 11, caracterizou a tradição de son, sugerindo que o esportista rebocando com a gravata que sua amarrada no pescoço. Há também o inusitado carnaval particular de Djalma Dias de Andrade, feirante, que, vestido de terno escuro e ostentando um "picinez", trazia às costas um cartaz anunciando-se como "advogado das donzelas".

NO CLUBE

Fantasiados ou não, pulando muito a exigindo maior ritmo da orquestra. Foi assim que os foliões do Clube Recreativo Guarabirense brincaram o carnaval. O repertório da Orquestra de Freqüência Rapazanga, do maestro Sales, tocou em quatro noites e duas matutinas, para aproximadamente 250 componentes.

A primeira noite, sábado 9, disputou o título de melhor com a última, terça-feira, 11. Na primeira, o público vibrou com os frevos executados pelo cantor Claudionor German Filho, especialmente contratado pelo presidente do CRC, Robson Pauline. Mas o salão também não ficou vazio ao som de *Vassourinha*, *Abre Alas*, *Z Pereira e Morena Tropicana*, executados em maravilhoso arranjo pela orquestra, com 26 componentes.

O entusiasmo dos foliões variava de acordo com a música. O salão, por exemplo, ficava cheio ao toque de *Vassourinha*, ou esvaziava parcialmente ao som de marchas e ranchos. Os protestos eram representados por pessoas que exibiam o polegar ereto de cabeça para baixo ou simplesmente gritavam: "as músicas de agredem o geral, no entanto, foram *Picote Beso na boca*, reconhecidas campeãs dos carnavais de clube em 1986.

João Pessoa, quinta-feira, 13 de fevereiro de 1986

Fonte: (Jornal Correio, 1986)

Em uma das páginas do Jornal Correio de 13 de fevereiro de 1986, o jornal mais uma vez destaca a vitória da Escola de Samba Mocidade Independente do Cordeiro, dando destaque para sua belíssima apresentação, onde conseguiu obter as maiores notas nos 8 requisitos e assim se tornando a campeã daquele ano. Como mostra na foto publicada pelo jornal, vemos muitos expectadores assistindo aos desfiles, algo que era esperado, devido aos grandes investimentos feitos a partir do ano anterior. Uma das Escolas de Samba não participou naquele ano, a Escola de Samba Juventude do bairro do Nordeste. Assim como as melhorias que começam a partir de 1984, como foi citado acima. Para as escolas participantes a prefeitura deu verbas de 15 milhões de cruzeiros que era a moeda utilizada naquele período.

A partir deste ponto, destaco duas integrantes da Escola de Samba Mocidade Independente do Cordeiro, onde contarei um pouco, como foram suas experiências de participar desses eventos carnavalescos, elas são a minha mãe Gildete Cândido Cícero e minha tia Gilvete Cândido Ferreira. Por meio de algumas lembranças das integrantes que irei compartilhar, veremos como era fazer parte daquela escola de samba.

Figura 4: Destaque Gildete Cândido Cicero, carnaval de 1988
Fonte: (Acervo da família do autor, 1988)



A foto acima é um registro do carnaval de rua de Guarabira de 1988, foi devido a ela que surgiram em mim todas as curiosidades sobre essas escolas, vemos a destaque da Escola de Samba Mocidade Independente do Cordeiro, Gildete Cândido Cícero com a sua fantasia com as cores que representam a Escola de Samba que defendia, mais uma vez uma grande público se fez presente naquele ano. Infelizmente não tem nenhum registro fotográfico da minha tia Gilvete Cândido Ferreira. Quando elas participaram desses eventos, Gildete tinha 16 anos e Gilvete tinha 18 anos, Gildete desfilou por 2 anos e Gilvete por 3 anos.

Os convites para participar da escola de samba vieram para ela através do chamado de amigos próximos. Gilvete participava com sambista, já Gildete era destaque, além de desfilar, também ajudava a confeccionar as roupas dos demais componentes, alguns adereços eram adicionados à pedido dos próprios integrantes, nesse caso, eles mesmos compravam e pediam para adicionar as suas fantasias. Geralmente, quanto mais importante a sua função no desfile e na escola de samba, mais gastos eram direcionadas aquelas fantasias.

Os ensaios aconteciam na associação de moradores ou no meio da rua, ocorrendo durante a semana, se iniciando 3 meses antes dos desfiles. Algo que chama a atenção é quando elas falaram de como era bom participar, como se divertiam nos ensaios, nos desfiles, em estar com os amigos, de toda a rivalidade sadia com as outras escolas. Todos se consideravam uma grande família, trabalhavam sem ganhar nada em troca, só por amor e prazer de estar fazendo tudo aquilo.

Para arrecadar mais alguns fundos para a escola de samba, pois a verba disponibilizada pela prefeitura não dava para custear tudo, eventos eram realizados em prol disso, como festas na associação e bingos, ou até mesmo dos próprios componentes que ajudavam com alguma quantia.

Além do dia dos desfiles, tinha outro dia muito importante para todas as escolas e seus participantes, era o dia de lançamento do Samba Enredo, onde passavam as músicas na rádio, a rivalidade já começava antes mesmo dos desfiles, uma votação era feita e os integrantes ligavam inúmeras vezes para a rádio pedindo que tocassem o samba da sua escola, era uma disputa antecipada, quem se saísse vencedor e com o Samba Enredo mais votado, já chegaria no dia do desfile com a moral elevada e com mais confiança, esse era o “aperitivo” do que iria ser a rivalidade no dia do desfile.

Nos anos em que a escola foi campeã, a festa que era feita em comemoração era algo grandioso, repleto de músicas, alegria, e “samba no pé”. As comemorações não tinham hora para acabar, o bairro todo parava para comemorar a vitória da escola de samba.

Disputas, rivalidades, amor a escola de samba, amizade, família, essas são algumas das palavras que compõem as lembranças dessas mulheres sobre essas escolas de samba e os desfiles.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como principal objetivo, mostrar as mudanças ocorridas no carnaval, trabalhando a temática de como a classe mais pobre sofreu inúmeras formas de preconceito e violência, mas não deixou de influenciar os modos futuros de se festejar o carnaval. Após anos de mudanças, trouxe memórias de eventos carnavalescos por meio da memória de familiares que participaram destes na cidade de Guarabira.

Observou-se por meio das pesquisas feitas, mesmo com as inúmeras tentativas da classe elitista de excluir qualquer participação da classe trabalhadora e mais pobre, a participação e influência cultural popular formaram os moldes do carnaval que conhecemos, das batucadas dos “zé-pereiras”, as multidões dos cordões e desfiles dos ranchos. Até chegar nas escolas de samba e ao modo em que as conhecemos agora, como a Mocidade Independente do Cordeiro, que proporcionou inúmeras lembranças a muitas pessoas e que me deu a oportunidade de compartilhar um pouco da sua história.

Esse trabalho foi especialmente muito importante para mim, pois pude compartilhar um pouco da história da minha cidade Guarabira, do meu bairro - o Cordeiro - e ainda mais, um pouco da história da minha família e de como foram suas experiências de participar da escola de samba, poder ver o brilho nos olhares delas ao lembrar aqueles momentos que foram de tanta alegria para elas, me encheu de alegria também, parecia que eu estava lá, junto a elas, participando e festejando.

Infelizmente não encontrei muitos arquivos falando sobre os desfiles da escola de samba de Guarabira, ou recortes de jornais, isso foi uma das maiores dificuldades, e foi por isso também que minha vontade de falar sobre esse tema aumentava cada vez mais, para que essas histórias não se perdessem com o passar dos anos.

Em pesquisas futuras, pode-se buscar mais histórias, mais memórias, não só da Mocidade Independente do Cordeiro, mas de todas as outras escolas, para que essa parte tão importante da história não seja esquecida. Para finalizar deixo uma

frase de Bosi (1994, p.15) “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano”.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. 3º Edição. Ensaios sobre literatura e história da cultura. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. 3º Edição. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 114-119.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CAMPOS, Paulo de. O carnaval através dos tempos. **Jornal Revisão**, Osório, 19 de fevereiro de 2015. Disponível em: <http://www.cultura.rima.art.br>

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Ecos da folia**: uma história social do Carnaval carioca entre 1880 e 1920 / Maria Clementina Pereira Cunha. — São Paulo : Companhia das Letras, 2001.

FERNANDES, Nelson da Nobrega. **Escolas de samba**: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949 / Nelson da Nobrega Fernandes. – Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

MOURA, Roberto, 1947- M929 **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**/Roberto Moura. — 2ª edição — Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

PEGADO, Israel Antônio Sequeira. **A evolução do Carnaval Carioca**: A festa popular que virou produto. 2005. Trabalho de conclusão de curso - Curso de Comunicação Social. Universidade Federal do Pará, Belém, 2005.

PINTO, Beatriz V. C. Castilho. **Raízes do Nosso Carnaval**. Palestra proferida no âmbito da Sepertina Literária - Evento litero-musical. Academia de Letras, São João da Boa Vista, 2019.

Recorte de jornal. **Jornal Correio**. João Pessoa, 08 fev. 1985. Arquivo do Centro de Documentação Cel. João Pimentel.

Recorte de jornal. **Jornal Correio**. João Pessoa, 03 fev. 1986. Arquivo do Centro de Documentação Cel. João Pimentel.

Recorte de jornal. **Jornal Correio**. João Pessoa, 13 fev. 1986. Arquivo do Centro de Documentação Cel. João Pimentel.

WIKIPEDIA. **Quaresma** 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Quaresma>. Acesso em: 09 jun. 2022.

WIKIPEDIA. **Sociedade carnavalescas**. 2022. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Sociedade_carnavalesca. Acesso em: 09 jun. 2022.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por toda força durante essa difícil caminhada, quando me vinha pensamentos de desistir.

A meus pais, por sempre estarem ao meu lado, em quem eu sempre me inspirei e admirei.

A minha tia Gilvete Cândido Ferreira, que ajudou participando dando seu depoimento, a todos os meus familiares que contribuíram de alguma forma.

A minha querida orientadora, Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa, a quem eu admiro muito, por toda ajuda e paciência, a pessoa que foi fundamental para que eu conseguisse concluir esse trabalho.

A minha namora, Danyella Mimore, por todo apoio, por sempre me incentivar a continuar e dar o meu melhor.

A todos meus colegas e amigos de turma, pela ajuda e parceria durante todos esses anos.

A minha amiga Fátima e a todos os outros que me apoiaram durante a jornada.